

OLHAR, SENTIR E MOSTRAR

Edimilson Antônio Mota

uffmota@gmail.com¹

Resumo

O presente relato aborda a experiência docente realizada, pela disciplina de Fundamentos Teóricos e Metodológicos do Ensino da Geografia, que foi ministrada para o primeiro período do curso de Licenciatura de Geografia na UFF Campos-RJ. Objetivou-se a ensinar os conceitos de espaço, lugar e paisagem com os seguintes procedimentos: 1. referencial teórico, 2. aulas expositivas, e 3. trabalho de campo. A metodologia utilizada no trabalho de campo foi o estudo do meio, por permitir fazer a interdisciplinaridade da geografia com a arte e com a arquitetura para compreender o espaço como um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistema de ações. Foram realizados dois campos: um para a cidade de Campos-RJ onde pudemos observar na paisagem os diferentes sistemas de ações através dos diferentes objetos, na arquitetura barroca, neoclássica, eclética, art nouveau, art déco e modernista. O segundo campo foi realizado para a cidade de Cataguases-MG, onde se observou nas edificações, as técnicas modernistas na arquitetura bem como sua influência nas artes plásticas aplicadas por artistas desse período, como Cândido Portinari. Os alunos observaram as paisagens das cidades e se utilizaram da fotografia, do desenho e do vídeo para fazer os registros. Com os dados registrados, selecionaram, editaram, montaram sequencia de imagens, de desenhos, e de vídeos curta metragem sobre as diferentes ações históricas da paisagem. Houve também a seleção dos croquis das fachadas dos edifícios (objetos) e também das fotografias, e o objetivo final foi fazer uma exposição dos objetos (edifícios) fotografados e desenhados. Concluímos que, ensinar os conceitos sobre espaço, lugar e paisagem, a interdisciplinaridade com a arte, com a arquitetura e com a história, foi o meio para provocar o processo criativo do aluno, e para compreender a complexidade da natureza do espaço. Ensinar é uma ação desafiadora porque requer ao professor a aprender a lidar com o fugidio e com tipos de planejamentos de ensino-criativo flexíveis, e de acordo com o tempo de aprendizagem de cada aluno. Resultado: o aproveitamento de cada aluno foi diferenciado na medida em que cada um se sentiu estimulado para aprofundar ou não na teoria, posta nas aulas expositivas, quando foram provocados à aplicá-la na prática no campo.

Palavras-chave: Geografia, linguagens, trabalho de campo.

Introdução

¹ Coordenador do Núcleo de Ensino e Pesquisa sobre Espaço e Currículo de Geografia e Imagem e Multiculturalismo. PIBID/Residência Pedagógica/Extensão/Capes/MEC.



O ingresso para o curso de Licenciatura de Geografia da Universidade Federal Fluminense em Campos, ocorre no segundo semestre e é nesse período que ministro a disciplina de Fundamentos Teóricos e Metodológicos do Ensino da Geografia - FTMEG. Em 2013, por orientação do MEC houve a separação dos cursos de bacharel e de licenciatura, e, à época, propus que se criasse esta disciplina para o primeiro período. O objetivo geral seria apresentar a geografia como uma ciência aplicada no cotidiano inerente à forma com que cada um a partir do seu lugar de olhar o espaço se relacionava com o mundo e construía os seus significados.

Durante sete anos ministrando esta disciplina tenho compreendido que o maior desafio para o professor não seria ensinar, mas acompanhar e verificar se o aluno aprendeu o conteúdo. Factualmente, nesse tempo minha prática docente oscilava entre avanço e estagnação, que, com frequência maior, priorizava a aula expositiva, o fichamento e o exame de verificação, como um conjunto de práticas de ensino como um fim em si mesmo. Caracteriza dizer a respeito do perfil discente, pois no primeiro período do curso recebemos alunos de diversas regiões brasileiras e com diferentes níveis de prática de leitura e de prática com a escrita. O segundo fator relevante, destaco o uso e o diagnóstico da avaliação institucional feita da disciplina ao final de cada período. Em 2017.2 os alunos avaliaram ser alto o volume de fichamentos solicitado pelo professor no seu plano de trabalho e pouco o aproveitamento sobre os mesmos para o entendimento da disciplina. O terceiro fator observado pelo professor dizia a respeito da afetividade, a relação professor-aluno. Entendo ser este um dispositivo essencial para se pensar o processo criativo do aluno. Agregar o afeto com o domínio técnico e científico na relação de ensino-aprendizagem é um desafio diário. Cada aluno se encontra em diferente momento no que diz respeito aos seus conflitos de identidade, de gênero e de sexualidade. Compreender essas demandas é importante no processo de aprendizagem o que permite fluidez na relação professor-aluno.

Para 2018.2 para a disciplina de FTMEG, foram selecionados onze textos conforme mostra o referencial bibliográfico das páginas 15-16, e tinha como objetivo levar o aluno a aprender a olhar, a sentir e a construir relações de significação com o espaço-cidade.

Olhar é diferente do que enxergar. Para o geógrafo, olhar exige rigor e o rigor está em conhecer a forma, a função e a estrutura do regime de visibilidade. Segundo Gomes (2013, p. 40), “Há uma geografia própria ao fenômeno da visibilidade na maneira como socialmente escolhemos lugares para mostrar ou esconder coisas, valores ou comportamentos”. Sendo

assim, para observar a cidade e a aprender a olhar a suas formas em diferentes composições de seus objetos e sob os diferentes pontos de vista, se utilizou a metodologia do estudo do meio, o que permitiu dialogar com: a História, a Arquitetura e a Arte, o que muito contribui para a compreensão das formas registradas por diferentes técnicas constituídas na composição do espaço. Como afirmou Santos (2006, p. 29): “As técnicas são um conjunto de meios instrumentais e sociais, com os quais o homem realiza sua vida, produz e, ao mesmo tempo, cria espaço”, portanto sair a campo para a aprender a olhar a cidade esse seria o primeiro passo para reconhecer os diferentes tipos de técnicas que ganharam forma pelos diferentes tipos arquitetônicos do espaço urbano de diferentes estilos.

Olhar é sentir. Eu tinha pressa para que o meu aluno aprendesse a aprender a sentir a relação permanente que existe dele com o espaço visto como um “conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações” (SANTOS, 200, p. 22). A sala impunha limites. Ir a campo era preciso. Tempo-espaço e gestão do tempo foram fundamentais para repensar a compreensão do espaço. As saídas de campo ocorreram no primeiro mês do semestre 2018.2. Como a disciplina é para o primeiro período e a procura foi grande, foi necessário criar duas turmas, a A1 calouros e a A2 veteranos.

Foram realizados dois campos: o primeiro para a cidade de Campos –RJ; e o segundo para a cidade de Cataguases-MG. A metodologia utilizada foi o estudo do meio. Os objetivos para os campos foram: olhar, observar, descrever, fotografar, desenhar e sentir a relação entre o homem e o lugar, e também compreender a produção social do espaço a partir da produção de diferentes sujeitos no espaço.

Com base em tempo-espaço-técnica (SANTOS, 2006) foi criado um roteiro de visita técnica para a realização dos dois campos. Tanto Campos quanto Cataguases possuem diferentes tempo-espaço que se iniciaram com colonização portuguesa com a produção técnica do barroco, e, na sequência, foi se desenvolvendo tipos de arquitetura neoclássica, *art déco*, *art nouveau*, eclética, modernista e, todas possíveis de compreensão para o observador. Sendo assim foi criada uma questão geradora para o campo: como reconhecer tempo-espaço das diferentes arquiteturas na paisagem se utilizando do conhecimento das técnicas?

Para o segundo campo, na cidade de Cataguases, as atividades se concentraram no período da produção do modernismo, que, à época, foi concomitante ao movimento modernista de São Paulo e Rio de Janeiro.

Sobre o olhar. Por que é importante aprender a olhar? Gomes (2013) acredita que a observação faz parte do processo de descoberta nas ciências sociais. Para ele, aprendemos com as imagens e com elas podemos compreender diferentes paisagens pelo tipo de observação que se propõe o observador a fazer. A observação coloca o aluno em contato direto com os diferentes tipos de imagens, sejam elas pela arquitetura marcas da paisagem, ou, seja pelas artes plásticas como objeto de interpretação e de composição descrita de diferentes formas em lugares da paisagem, como serão mostradas a seguir.

A técnica de registro utilizada foi a fotografia e o desenho. Cada equipe registrou diferentes tempos-espacos-técnicas da paisagem da cidade de Campos, como mostram as imagens:

Imagens 01: Igreja de São Francisco de Assis



Foto: Acervo do NEPECGIM.

Características do Barroco

Movimento curvilíneo, real ou aparente da assimetria do jogo da luz e da sombra da busca do infinito, do teatral, do fantástico do cenográfico. Na arte religiosa, procurou aprisionar o crente pelos sentidos – visual, auditivo, olfativo – de forma a provocar emoção, afetividade e misticismo. Definiu uma arte nova e original em termos de linguagem decorativa, mais fantasista, mais imaginativa, mais cênica, mais ao gosto pessoal dos seus criadores.

Foto 01: Igreja de São Francisco de Assis, se localiza à Rua Treze de Maio, 182. Sua construção é do século XIX. Estilo arquitetônico barroco tropical. Fachada arrojada composta por cornijas, platibandas e sancas, com domínio de semiótica sacra produzido no barroco cuja função simbólica se constituiu pelo discurso da fé, que, à época, se buscava controlar os fiéis e fazer dos mesmos corpos dóceis e úteis do cristianismo para a manutenção do *status quo* católico religião oficial.

Imagem 02: Liceu de Humanidade de Campos

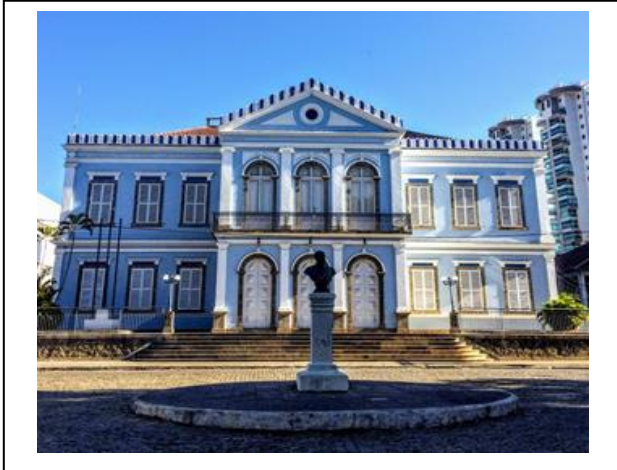


Foto 02: Acervo do NEPECGIM

Foto 02: Liceu de Humanidade de Campos: construído entre 1861 e 1864, pelo Barão da Lagoa Dourada, foi sua residência até sua morte. Em 1884 passou Liceu de Humanidade de Campos e funciona ainda hoje como escola. Estilo arquitetônico neoclássico, fachada retas, formas regulares, geométricas e simétricas, uso de colunas gregas. Domínio da razão na concepção de espaço.

Características Neoclássicas

- Uso de materiais nobres.
- Processos técnicos avançados.
- Sistema construtivo simples.
- Sistemas mais complexos, ao par das linhas ortogonais.
- Formas regulares, geométricas e simétricas.
- Volumes corpóreos, maciços, bem definidos por plano murais lisos.

Imagem 03: Coreto do Jardim Solar do Liceu



Foto 03: Acervo do NEPECGIM

Características Art Nouveau

- Uso de materiais como: ferro, vidro, madeira e cimento.
- Valorização das formas orgânicas e complexas.
- Valorização das linhas sinuosas e assimétricas.
- Presença da figura feminina e das cores frias nas artes plásticas.

Imagem 04: Croqui do Coreto – Art nouveau



Foto 04: Acervo do NEPECGIM

Foto 03 e croqui 04: Ambos representam o coreto do Jardim Solar. Estilo *art nouveau* de inspiração na *belle époque*, é uma das poucas peças da época que ainda se encontra preservada na cidade de Campos. Como diz Santos (2006, p. 33), “Cada objeto ou ação que se instala se insere num tecido preexistente e seu valor real é encontrado no funcionamento concreto do conjunto”, ou seja, nesse sentido, ao levar o aluno ao campo, cada objeto visto e registrado os mesmos são interpretados não de forma isolada com apenas descrições das suas características, mas, o objetivo final foi analisar a produção, a forma, a função e a estrutura dentro do seu tempo-espaço-técnica. O mesmo se aplicou para descrever as imagens 05, 06, 07, sobre as diferentes técnicas e características.

Imagem 05: Colégio Batista Fluminense



Foto 05: Acervo do NEPECGIM

Utilização de conhecimentos nas áreas da física e da matemática.

Valorização da lógica, racionalismo.

Oposição ao Romantismo.

Subjetivismo e Simbolismo.

Produção em série e massificação das artes.

Temas da natureza (flores, folhas, animais)

Características do Eclétismo

Uma mescla de elementos de outros estilos como:

1. Linhas curvas do barroco;
2. Paredes lisas e ornadas pelo dourado do rococó;
3. Colunas e arcos do neoclássico .

Imagem 06: Estação Ferroviária Leopoldina.



Foto 06: Acervo do NEPEGIM

Imagem 07: Colégio Batista



Foto 07: Acervo do NEPEGIM

Características Art Déco

Estilo Puro ("Clean") e luxuoso.

Uso de formas geométricas.

Design abstrato.

Emprego dos materiais: marfim, jade e laca.

Influência das vanguardas artísticas: futurismo e cubismo.

Influência do construtivismo, modernismo e abstração geométrica.

Linhas retas e circulares estilizadas.

Temas mais explorados: animais e mulheres.

Características do Modernismo

Planta livre.

Jardim terraço.

Fachada como elemento de vedação.

Janela em fita.

Pilotis e vão livre.

Predomínio de retas e curvas.

“Forma é função”. (Sullivan)

“Menos é mais”. (Mies Van de Rohe)

“A Arquitetura não muda nada. Está sempre do lado dos mais ricos. O importante é acreditar que a vida pode ser melhor.”

Cataguases Modernista

A atividade de trabalho de campo para Cataguases teve como objetivo geral, identificar as marcas modernistas deixadas nos diversos lugares da paisagem da pequena cidade da Zona da Mata Mineira, que teve a frente do movimento artístico e literário como o idealizador e pioneiro Francisco Inácio Peixoto, um empresário da indústria têxtil. Personalidades reconhecidas da cena da cultura nacional, por sua influência Oscar Niemeyer, Burle Marx,

Portinari, Jean Zack, Anísio Medeiros, Nanzita, Djanira, Emeric Macier, colocaram Cataguases na vanguarda nacional.

Imagem 08: Colégio Cataguases. Projeto Niemayer



Foto 08: Acervo do NEPECGIM

Imagem 09: Escultura: Jean Zack

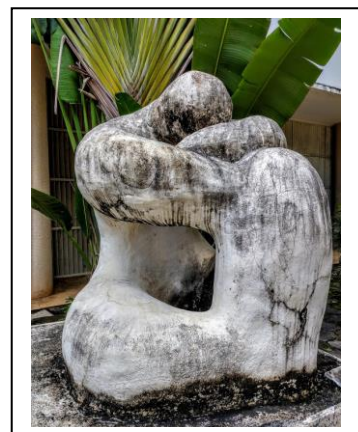


Foto 09: Acervo do NEPECGIM

Imagem 10: Paineis Anísio Medeiros



Foto 10: Acervo do NEPECGIM

Imagem 11: Paineis Djanira - Matriz Sta Rita



Foto 11: Acervo do NEPECGIM

Imagem 12: óleo sobre tela –



Foto 12: Acervo do NEPECGIM

Imagem 13: As Fiandeiras - Portinari Nanzita



Foto 13: Acervo do NEPECGIM

Para entender a totalidade da produção do conjunto artístico-arquitetônico de Cataguases, sua compreensão passa pelos fundamentos básicos do movimento modernista, que movimentou o circuito nacional brasileiro na arquitetura, nas artes plásticas e na literatura. Cataguases dentro do seu tempo absorveu a influência da modernidade e se modernizou pelos diferentes projetos trazidos pelo desenvolvimento urbano impulsionado pelo setor da indústria e comércio. O projeto modernista de Cataguases tem a ver com a anseio da classe burguesa cujo protagonista e idealizador foi o industrial, Francisco Inácio Peixoto, que em 1940 contratou Oscar Niemeyer para projetar sua residência e em 1945 o Colégio Cataguases, sendo primeiro uma instituição privada. Participaram destes projetos o paisagista Burle Marx e o Joaquim Tenreiro, o primeiro com os jardins e o segundo com design mobiliário. A partir daí diversos outros edifícios modernos são construídos na cidade, seguido de outros projetos nas artes plásticas, a saber: na página sete, imagem nove, escultura de Jean Zack compõem o conjunto arquitetônico do Colégio Cataguases.

Na página oito, imagem de número dez, Painel em azulejo de Anísio Medeiros, compõe a fachada do Educandário D. Silvério, com o tema “Os pássaros” (1954). O painel apresenta uma estrutura formal, embora na primeira leitura da obra de Anísio Medeiros, temos a sensação de que o artista não utiliza grades para elaborar o painel, pois a forma final é orgânica e oculta às linhas estruturais. Ao olharmos com maior atenção, constatamos que Anísio Medeiros utiliza, sim, uma malha de linhas para estruturar a obra e, dessa maneira, percebemos que existe uma organização e uma regularidade do tema.

A imagem onze da página oito, a igreja se destaca com suas formas curvas conjugados com o uso do concreto armado. Sua fachada traz o painel da artista Djanira, “A Vida de Santa Rita” (1968). A imagem doze da página oito, “O Leite e a Vaca”, óleo sobre tela, de Nanzita, retrata o convívio do urbano com o rural, uma cena comum de cidade do interior da zona da mata mineira.

Conforme citado anteriormente, Burle Marx foi convidado por Francisco Inácio Peixoto para executar o projeto paisagístico para a sua residência e também para o então Colégio Estadual Manuel Inácio Peixoto, em homenagem ao seu pai.

Imagem 14: Jardim – Burle Marx – Residência Francisco Peixoto



Foto 14: Acervo do NEPEGIM

Imagem 15: Paineis O Edén – Emeric Macier

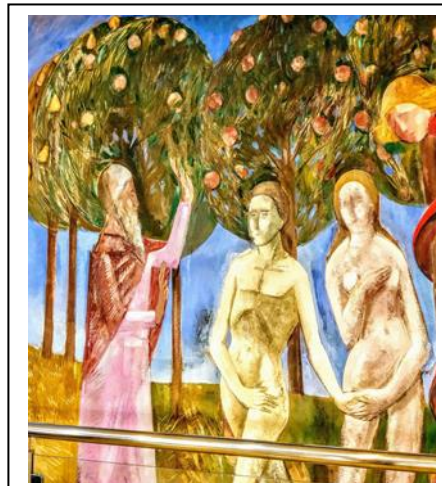


Foto 15: Acervo do NEPEGIM

Para Burle Marx, sua escolha pelas plantas das matas brasileiras tinha um propósito; valorizar a beleza ao alcance de todos, além disso, na composição dos seus projetos misturava a função das plantas decorativas com as plantas extrativas. Jardim-pomar, tudo era a mesma coisa. Na imagem quatorze da página nove, a mangueira uma planta conhecida pelos seus frutos e pela sua sombra, se mistura na composição com plantas ornamentais. Burle Marx objetivava fazer do jardim um lugar aprazível onde pudesse contemplar nas plantas a beleza das flores e sentir também o sabor dos seus frutos.

Ainda sobre os frutos, na página nove a imagem quinze retrata a criação do mundo, pelo artista Emeric Macier, com o mural “O Édén” (1954), localizado na parte interior do Educandário D. Silvério, da ordem religiosa dirigida pelas irmãs Carmelitas. O mural representa a narrativa visual bíblica vista pela semiótica modernista do artista, que, à época, sua aprovação final se submeteu à aprovação moral da Madre superiora da ordem, que reprovou a figuração de o Adão e a Eva nus frontais. Para atender a exigência da Madre, Emeric Macier cobriu a genitália do casal, porém em contestação ao fato incluiu na cena uma cabra com o rosto da Madre.

Enfim, Cataguases a arquitetura e a arte modernista cumpriram o propósito da classe detentora do poder econômico, que conjuntamente com a religião, mantiveram o *satus quo* burguês. Ainda hoje é possível de se localizar na paisagem urbana referências importantes da cultura nacional presentes no espaço geográfico de cada lugar desta época.

A aprendizagem do processo criativo: mostrar

No final da disciplina os alunos responderam quatro questões pelo formulário do *google* sobre a contribuição das atividades de campo para a aprendizagem. Duas turmas: A1 Calouros e A2 Veteranos. Total, setenta e cinco alunos. Sessenta e dois responderam ao questionário.

Questão 01: No trabalho de campo para as cidades de Campos e Cataguases foram utilizadas, a fotografia, a arte e a arquitetura como linguagens para a compreensão dos conceitos da geografia. A utilização destas linguagens foram importantes, sim ou não, explique por quê.

Dentre as resposta a maioria entendeu ser significativo se utilizar da atividade de campo e com as diferentes metodologias. O reconhecimento do aluno pela importância do trabalho foi observado que, fora da sala de aula é possível se construir o conhecimento, como ele diz:

Achei fundamental para o desenvolvimento da disciplina, sair dos muros da Universidade e é sempre bom, pois, consegue-se enxergar além do que é permitido em sala de aula. Para o desenvolvimento cognitivo no aluno, ainda mais quando o mesmo se encontra no primeiro período, abre o leque de oportunidades. E a aplicabilidade dos conceitos não deve ficar apenas na teoria, então, encontrar outras maneiras de desenvolver esses conceitos é super válido, como fizemos no decorrer da disciplina (Pedro).

Além de fazer o ensino fora dos muros da universidade Pedro destacou que este tipo de atividade provoca o desenvolvimento cognitivo do aluno do primeiro período, e isto graças a apreensão dos conceitos da ciência geográfica aplicados na prática, que, com esse mesmo entendimento:

Quando se trabalha as formas artísticas, fotografia, colagem, nos mostra a relação dos conceitos geográficos, como "espaço", "paisagem", "lugar" na prática do dia-a-dia, instrumentaliza a arte como consciência espacial/social. Pode se compreender a partir de [Freire] que traz o conteúdo das disciplinas para a realidade do aluno que é essencial para o processo de ensino-aprendizagem. Foi o que nos mostrou, onde os alunos participaram sobre a sua própria aprendizagem e se discutiu diferentes pontos de vista, e, assim, viu que é possível também trabalhar dessa forma quando estiver na posição de professor (João).

O campo é uma atividade inspiradora na formação docente. O aluno observou as possibilidades ao se utilizar das diferentes linguagens artísticas e ao mesmo tempo viu nas mesmas que, quando estiver professor, o campo será um elemento motivador para a participação efetiva do aluno, como confirma a outra resposta:



Creio que o domínio e uso da linguagem, assim como noções básicas de fotografia, desenho, colagem e artes plásticas são de fundamental importância para a formação do geógrafo, e sobre tudo para o professor de geografia, sem a intenção de transformá-lo em desenhista, artista ou fotógrafo, e sim, entendendo que são ferramentas indispensáveis para o entendimento e prática da geografia, sobretudo, tendo em mente a função de transmitir e elucidar o conhecimento designado à docência e seus desafios em se fazer compreensível (Alex).

Houve de fato por parte do aluno a clareza com relação aos objetivos proposto pela disciplina que, as diferentes ferramentas e linguagens metodológicas utilizadas no campo, não são para levar o mesmo a se tornar desenhista, artista ou fotógrafo, e sim a se utilizar dessas ferramentas para transmitir e produzir conhecimento. Porque quando se produz conhecimento a relação de observador e do observado ganha significação e poder de apreensão sobre as coisas e objetos que compõem o espaço geográfico, como um conjunto indissociável de sistema e de ações históricas vistas *in loco*, como os das cidades de Campos e Cataguases.

Porque ambas são cidades históricas, com todos os elementos e linguagem da arquitetura, como Cataguases com suas artes plásticas, varias pinturas de artistas renomados, como do santuário de Santa Rita de Cassia, com o projeto de Edgar Guimaraes do Valle traz, o arranjo da nave livre, do vão central sem colunas, na parte externa, a vida de Santa Rita com o painel de Djanira, e na parte interna as paredes e a via cruzeiros de Jesus Cristo, assinado por Nanzita. São campos vastos para o geógrafo trabalhar e fazer suas pesquisas (Tiago).

O campo foi o lugar das possibilidades para o professor de geografia levar o aluno a aprender e a desenvolver o processo de criação e também foi o lugar de o professor desenvolver a pesquisa a partir de a coleta de dados, a observação e a aplicação dos conceitos da disciplina, como mostra a próxima pergunta:

Questão 02: Sobre o trabalho de campo na cidade de Campos e de Cataguases, observar, identificar e descrever a morfologia da paisagem a partir da arquitetura das obras de arte, considerando as técnicas, o tempo, e a sua materialidade foi importante por quê?

Porque agora todos os que tiveram essa experiência dão mais valor ao patrimônio histórico e artístico, muitos pensam que sua cidade não possui arte ou é atrasada devido a não conhecer tais locais, infelizmente não existe um grande incentivo para que a sociedade tenha mais cultura, mas com esse trabalho de campo acho que foi dado o primeiro passo para nós futuros professores termos o interesse de mostrar todo esse patrimônio que pode se dizer que está oculto em plena vista para nossos futuros alunos, principalmente durante o ensino fundamental e médio.

Esta resposta cumpriu o objetivo do conceito sobre o livro, do autor, Paulo Cesar da Costa Gomes, “O lugar do Olhar,” que diz, que, “olhar é diferente de enxergar”. Olhar evoca

do observador o rigor para a observação. Diante de objetos de produção artístico-culturais diferentes, o aluno pode usar o olhar e descobrir o que estava “oculto em plena vista”, e levantar diferentes hipóteses sobre o patrimônio material e imaterial das cidades de Campos e Cataguases. Afirmamos ser:

O trabalho de campo é uma ferramenta intrínseca à formação do geógrafo. Ir a campo significa estar face a face com o objeto de estudo, no seu nicho, no cotidiano, além de ser muito gratificante adquirir conhecimento desta forma, que mesmo inerente ao processo de formação é uma forma lúdica de se estudar o espaço e a paisagem (Jônatas).

Ainda que a utilização da atividade de campo pela aplicação da metodologia do estudo do meio não seja algo tão simples de compreensão e de execução, vale ressaltar aqui, que cada aluno está num tempo de aprendizagem e o seu grau de dificuldade varia de acordo com o seu desenvolvimento cognitivo, como confirmado no depoimento:

No começo foi difícil pra eu entender através apenas dos textos. Conforme vamos olhando e entendendo mais os conceitos, eu entendi muito melhor as coisas. Claro que fazendo sua disciplina pela terceira vez precisava entender. Hahah (*sic*) entretanto, é muito importante entender que na paisagem existe sinais, signos, símbolos e significados para entender o porquê da realidade instituída naquele espaço/tempo. A arquitetura é uma forma de ver não só os símbolos, mas quem os criou, quem os financiou e o porquê daquela força estar presente no espaço. Isso são questões de extrema importância para entender o nosso contexto de lugar, ou o Brasil e o mundo global (Sebastião).

Registrando aqui ser a terceira vez que o aluno estava fazendo a disciplina, e foi dessa vez que ele alcançou um grau de compreensão sobre a paisagem ser feita de “sinais, signos, símbolos e significados para entender o porquê da realidade instituída naquele espaço/tempo”, e mais, sua segunda interpretação e dedução, foi que a arquitetura é uma forma de levar a ver que os símbolos não são esvaziados de relação de poder, ao contrário disso, a arquitetura oferece pistas para identificar quem foi que criou e quem foi o seu financiador, ou seja, essa observação abre para a compreensão de que a paisagem é dinâmica e financiada pelo capital.

Questão 03: Apresente sugestões para melhorar o ensino-aprendizagem da disciplina de Fundamentos Teóricos e Metodológicos do Ensino da Geografia.

Destacamos como significativo o planejamento flexível das aulas. Não tomar o conteúdo com um fim em si mesmo, fechado e enciclopedista, mas trabalhar com o contingente, com o provisório.



Não sei se foi de propósito, mas ao longo da disciplina não se consegue prever que tudo culminaria na exposição. Como sugestão eu deixo a dica de continuar deixando em aberto e que ao fim da disciplina haverá algo que unirá tudo que foi aprendido no período. A experiência fica mais natural, mais leve, os campos, as aulas, ficam sendo mais fluidas sem a pressão de ter que juntar tudo que se aprendeu ao fim. Até mesmo os fichamentos, que acabam nos ensinando o que deve ensinar ao invés de apenas serem pesados e maçantes (Judas).

Ao contrário desse entendimento há quem viu prejuízo na forma com que foram abordados os conceitos da geografia pelo trabalho de campo e com interface com a arte, a arquitetura e a história, conforme o argumento:

Faço a seguinte observação sobre o final da disciplina, na qual achei que a geografia com os seus conceitos acabaram se dissipando por a metodologia trabalhada ser focada na arte e suas formas de expressão para a compreensão dos conceitos. Assim acabando dificultando a identificação da geografia dentro da parte final da disciplina. Essa é a minha visão que pode conter falhas e deficiências na compreensão do tema artístico dentro da disciplina, porque durante a minha graduação pouco se falou dessa forma de trabalhar a geografia (Zebedeu).

Devo ressaltar que vejo coerência nesse depoimento visto que esta é uma disciplina para o primeiro período do curso de Licenciatura de Geografia, e, nesse caso, esse depoimento e de um aluno migrante do bacharel que pediu revinculação para a licenciatura, de modo que, o mesmo apreendeu os conceitos da geografia com pouco contato e relação com a arte e pela arquitetura como meio para compreender o espaço geográfico.

Considerações finais

Retomamos aos objetivos iniciais propostos para este relato que são: compreender os conceitos de, espaço, lugar e paisagem a partir do trabalho de campo e com a aplicação da metodologia estudo do meio, como forma de observar a cidade cuja finalidade foi levar o aluno a aprender a olhar, a sentir e a construir relações de significação com o espaço-cidade. O segundo momento, se conclui com os registros fotográficos e croquis das paisagens observadas. Foi desafiador se utilizar da fotografia, do desenho e do vídeo, como linguagens para observar e interpretar o espaço como um conjunto de objetos e de ações que estão indissociáveis. Vimos que a arquitetura e as artes plásticas são objetos facilitadores para se reconhecer as diferentes técnicas que compõem a natureza do espaço visto nas paisagens das cidades de Campos e

Cataguases. Por outro lado, vimos também que estudar a paisagem requer método para fazer a sua compreensão. O trabalho de campo foi um meio facilitador porque ele requereu para se interpretar a paisagem o uso da interdisciplinaridade. Tudo isso exigiu muito estudo pela parte do professor, assim como se exigiu também pela parte do aluno que se debruçou sobre cada etapa de as atividades orientadas. Concluímos: houve ensino e aprendizagem sobre o estudo do espaço, lugar e paisagem. Muitos alunos ao avaliar a disciplina de FTMEG disseram ser o campo muito importante, principalmente, pelos mesmos terem sido realizados no início do período o que facilitou à compreensão dos conceitos geográficos de espaço, lugar e paisagem. Contudo cabe destacar que, na avaliação feita, pelo menos, um aluno, não compreendeu a relação entre a natureza do espaço com as formas artísticas e arquitetônicas presentes na paisagem, como possibilidade de interpretação possível do espaço.

Referências bibliográficas

- ARGAN, Giulio Carlo. In. **O Modernismo**, p. 184-204; In. **A época do Funcionalismo**, p 262-367. Arte moderna. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- CARVALHO, José Luiz de, Denis Cosgrove. **O Desenvolvimento Da Perspectiva Simbólica e Iconográfica Da Paisagem**. Geograficidade | v.7, Número 2, Inverno 2017. Acessado em 08/11/2018.
- HARVEY, David. **A condição pós-moderna: Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo: Edições Loyola, 2003, p. 15-43.
- GOMES, Paulo Cesar da Costa. **O lugar do olhar: Elementos para uma geografia da visibilidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013, p. 6-319.
- NETTO, Marcos Mergarejo; DINIZ, Alexandre M A. **Espaço E Cultura Em Cataguases/MG**,2004. Acessado em 10/05/2018. <http://www.cedeplar.ufmg.br/diamantina2004/textos/D04A080.PDF>.
- PONTUSCHKA, Nídia Nacib et ali. **Para ensinar e aprender geografia**. São Paulo: Cortez, 2009, p. 173-191.
- RIBEIRO, Rafael Winter. **Paisagem cultural e Patrimônio** – Rio de Janeiro: IPHAN/COPEDOC. 2007. In. p. 13-45 e In. 65-107.



SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006, Capítulo 01 e 02.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2016, p. 43-76.

TAVARES, Rosilene Cunha; MIRANDA Elis. **Representações no espaço: o quadrilátero histórico em Campos dos Goytacazes.** Políticas Culturais em Revista, 2 (2), p. 100-121, 2009 - www.politicasculturaisemrevista.ufba.br. Acessado em 20/08/2018.